



IMPLICAÇÕES DA CONVIVÊNCIA COM DEPENDENTE QUÍMICO NO COTIDIANO ESCOLAR DE UMA CRIANÇA

Any Gabrieli Mazzotty Filomeno*

José Luiz Müller**

RESUMO

O artigo aborda as consequências no desempenho escolar vivenciadas pelos alunos do Ensino Fundamental que convivem com pais dependentes químicos. Baseado nos pensamentos de Vygotsky em que o ambiente influencia o desenvolvimento da criança, e através de um estudo de caso, mencionamos a criança como vítima indireta do uso abusivo de drogas. Conclui-se que a mesma tem suas relações familiares e escolares afetadas e torna-se vulnerável aos efeitos como agressividade, negligência e principalmente um acesso facilitado às drogas, pois convive em um ambiente de risco.

Palavras-chave: Ensino fundamental. Dependência química. Criança. Estudo de caso. Vygotsky.

1 INTRODUÇÃO

O tema abordado no presente artigo é considerado um tanto polêmico e muito preocupante, pois atinge várias famílias, independentemente da classe social, dificultando o cotidiano e desenvolvimento natural da criança ali inserida. Trata-se da influência que o uso abusivo de substâncias químicas pelos pais, causa na vida de crianças do Ensino Fundamental. Em que sentido interfere em sua vida escolar, causando dificuldades em seu ensino-aprendizagem e modificando as relações sociais e perspectivas de vida dessas crianças, por estarem em um ambiente de risco.

* Graduada de Pedagogia. Pertence ao Grupo de Estudo do Professor Me. José Luiz Müller.

** Mestre em Educação pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (Unijui).

Pesquisamos as consequências desse convívio, as implicações que a dependência química de familiares traz no desempenho/relacionamento de seus dependentes em idade escolar, o papel do professor ante esse aluno, bem como buscar informações e orientações para uma educação preventiva de modo a compreender quais os métodos pedagógicos a serem utilizados especialmente para esta temática.

Hoje o assunto referente ao uso de substâncias químicas tem se tornado comum. Fica difícil assimilar a devastação que está causando, afetando a qualidade de vida de todos nós e principalmente das crianças que são o tema foco, as quais se apresentam como vítimas indiretas desse problema que decorre de vários fatores, sendo, sociais, econômicos ou psicológicos, acarretando diversas problemáticas. Ainda que tardiamente este cenário vem se modificando.

A nação brasileira estava como que adormecida com relação às drogas, como acontece com outros fenômenos sociais, que aos poucos vão minando a saúde mental do homem; vão se acomodando às vicissitudes e às circunstâncias ambientais, para medrarem como erva daninha em todos os escalões sociais (CARVALHO, 1982, p. 143-144).

Portanto, o estudo dessa relação drogas/relacionamento escolar se torna muito importante para que a população em geral possa cobrar o apoio do governo em implementar políticas públicas que sejam mais eficazes nessa questão frente à ampliação de investimentos na educação de qualidade, saúde da família, entre outras medidas preventivas.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 EDUCAÇÃO PREVENTIVA NA ESCOLA

Falar sobre drogas é também falar de educação, e a escola é uma unidade privilegiada para tratar desse assunto de forma transversal e interdisciplinar, como uma instituição apta para desenvolvimento de estratégias, informações e orientações que possam alertar os jovens para uma educação preventiva, e ações que possam ensiná-los a adotarem hábitos saudáveis e protetores em suas vidas:

A presença de um problema que exige a formação de conceitos não pode, por si só, ser considerada a causa do processo, muito embora as tarefas com que o jovem se depara ao ingressar no mundo cultural, profissional e cívico dos adultos sejam, sem dúvida, um fator importante para o surgimento do pensamento conceitual. Se o meio ambiente não apresenta nenhuma dessas tarefas ao adolescente, não lhe faz novas exigências e não estimula o seu intelecto, proporcionando-lhe uma série de novos

objetos, o seu raciocínio não conseguirá atingir os estágios mais elevados, ou só alcançará com grande atraso (VYGOTSKY, 1993, p. 50).

A escola é uma instituição adequada para que esse tema seja abordado pelo fato de ter acesso às crianças e suas famílias. Mas, infelizmente, o despreparo dos profissionais e até a resistência em abordar ou simplesmente comentar sobre o assunto, ainda se faz presente. Vemos que muitos ainda estão com receio a estudar, aprender e trabalhar com essa problemática. Sabendo que o diálogo é considerado como um meio de prevenção, temos de estar cientes de que é preciso um preparo sobre o assunto.

Muitas crianças e adolescentes entram no mundo das drogas por falta de informações, pelo acesso fácil que tem a elas, pela vulnerabilidade que tem em ter esse acesso, ou por alguma insatisfação com sua família. O diálogo familiar é extremamente importante, pois aquilo que é alertado e explicado sobre os efeitos maléficos e as conseqüências, certamente diminui o risco de contato e torna-se uma maneira de prevenção. Para isto, Detoni (2009, p. 127) afirma:

[...] a melhor arma contra as drogas é a prevenção. Não se deve esperar que um adolescente desenvolva um quadro de dependência química para que o assunto “drogas” seja finalmente abordado em casa. [...] especialistas dizem que jovens que conversam sobre as drogas com os pais têm menos chances de querer experimentá-las e estão mais aptos a dizer “não” quando se depararem com elas.

O mesmo acontece na escola, não é preciso que alunos apresentem problemas para que então venha se tomar alguma atitude. A prevenção sempre foi e será um caminho antes do problema, como forma de fazer com que o problema não surja, Detoni (2009, p.127) afirma que “A escola não deve esperar que o problema surja na sala de aula, nos banheiros, no pátio, no portão para discutir a questão.”

2.2 A RELAÇÃO FAMÍLIA E ESCOLA

Os primeiros contatos que a criança tem de educação surgem em casa, com sua família e assim o seu comportamento é formado ao longo dessas experiências. A família, incumbida como base estrutural no desenvolvimento da criança, carrega uma enorme responsabilidade a qual deve ser aqui ressaltada que é uma referência primordial à estrutura emocional da criança e sua afetividade infantil. Esta serve de exemplo para as relações futuras em que quando encontra em seu contexto familiar essa afetividade, possivelmente se repete nas relações escolares e sociais. Quando essa estrutura não se faz presente no cotidiano familiar da criança,

o meio mais próximo onde ela procura encontrar isso é no ambiente escolar em que a mesma procura a afetividade com seus colegas e principalmente em seus professores. A relação do professor com o aluno é de extrema importância para a fase de adaptações. Através da interação entre eles, podemos observar se a presença de afetividade existe, pois ela não acontece somente por meio do contato físico, mas também com demonstrações de carinho, atenção e valores repassados ao aluno que contribuirão grandemente no processo de aprendizagem. As emoções são vistas como um modo de comunicação com o meio para expressar seus sentimentos e é a afetividade capaz de interagir o professor com o aluno.

A afetividade, assim como a inteligência, não aparece pronta nem permanece imutável. Ambas evoluem ao longo do desenvolvimento: são construídas e se modificam de um período a outro, pois à medida que o indivíduo se desenvolve, as necessidades afetivas se tornam cognitivas. É mais salutar para uma criança de quatro anos ser ouvida e respeitada do que ser simplesmente acariciada e beijada (ALMEIDA, 1999, p. 50).

Um fator de grande valor para constataremos os sentimentos que a criança carrega consigo é a emoção. Por meio desta manifestação é que o professor pode perceber o que o aluno vem passando e, consecutivamente, observar com outro olhar o seu comportamento, já que sabemos que a criança reage aos estímulos exteriores.

3 CONSEQUÊNCIAS DE UM CONVÍVIO CONFLITUOSO

É certo que por trás de uma criança agressiva, possivelmente falte a ela afeto, carinho e atenção de algum modo e que esta esteja convivendo em um ambiente também agressivo. Para entender esses sentimentos e expressões, além de conhecimento, o professor deve ter sensibilidade para perceber a carência e o sentimento de inferioridade que a criança possui. Muitas vezes, certas agressividades podem ser interpretadas como um pedido de socorro, ou seja, um reflexo que a criança está tendo ao que vivencia em todo seu contexto familiar, e a dependência química de seus responsáveis, se encaixa nesta realidade.

O professor ao se deparar com alunos que tenham essa problemática, deverá agir com cautela tentando amenizar a situação através de demonstração de amor e expressar um sentimento bom ao aluno por meio de conselhos em como se ter uma boa conduta, informando-os que comportamentos como agressividade e falta de respeito, não são características de uma pessoa que se preocupa com a impressão que irá causar ao outro. Para isso, é muito importante que haja o diálogo claro e frequente, não só ao aluno em específico, mas com todos os demais. Segundo Freire (1987, p.79):

[...] o diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é encontro em que se solidarizam o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar ideias de um sujeito para o outro, nem tampouco torna-se simples troca de ideias a serem consumidas pelos permutantes.

Na verdade, esse aluno precisa de ajuda. Ele precisa ser analisado como um todo, como alguém que tem suas necessidades específicas e que se encontra inserida em um contexto familiar diferenciado. Esse primeiro contato deve ser do professor com o aluno, e quando não resolvido ou não apresentar nenhum resultado, acreditamos que o caso deva ser levado até a direção escolar. Uma estrutura familiar é a base que a criança tem para essa conduta com qualidades que o façam um cidadão de bem e que quando não encontram em casa, na escola poderão ter uma nova visão de atitudes e valores vindos de seu professor que servirão de subsídios para ele.

4 METODOLOGIA

Foram realizadas pesquisas bibliográficas através de livros e artigos de opinião pública e científicos disponíveis na internet, bem como análise de projetos já existentes para essa problemática. Posteriormente, fizemos coleta de dados através de estudo de caso em pesquisas e entrevistas qualitativas em duas escolas da cidade de Sinop.

Os resultados que obtivemos, deram-se através de diálogos, anotações, gravações de áudio e análise das respostas atribuídas a uma entrevista semi-estruturada, com indagações direcionadas aos participantes inseridos na temática. Foi aplicado um questionário para cada grupo de entrevistados, a fim de sabermos como ocorrem seus relacionamentos escolares e convívios familiares, mantendo assim um contato direto entre pesquisador, ambiente e objeto de pesquisa.

5 PESQUISA DE CAMPO

A pesquisa realizou-se nos meses de Maio e Junho de 2014, através de questionários e entrevistas semi estruturadas. Os participantes foram 2 (duas) diretoras escolares sendo uma de Escola Municipal e outra de Escola Estadual; 6 (seis) professoras da rede Municipal; 2 (duas) esposas de dependentes químicos; e 2 (duas) crianças filhas de dependentes químicos.

As perguntas foram elaboradas de modo a descobrir e constatar quais são as dificuldades na aprendizagem bem como o comportamento dos alunos filhos de dependentes químicos na escola, bem como as práticas pedagógicas dos professores e diretores perante essa temática e como se comportam os alunos nela inseridos. Discutiu-se a rotina de algumas crianças em suas casas através de seus próprios relatos e de mães que aceitaram contribuir com esta pesquisa.

Os questionamentos, bem como os resultados, foram selecionados, divulgando somente os mais relevantes para o enriquecimento da pesquisa. Ao analisarmos os dados colhidos, dividimos os sujeitos da pesquisa por suas características, como diretor: D1 e D2; professor: P1, P2, P3, P4, P5 e P6; mãe: M1 e M2; e criança: C1 e C2, sem identificar os nomes de modo a preservar suas identidades.

6 ANÁLISE DOS DADOS

Ao pesquisarmos sobre a criança que convive em um meio familiar afetado pela dependência química, pudemos constatar que ela tem um comportamento modificado como consequência dessa vivência. Nossa pesquisa baseou-se em questionamentos sobre esse comportamento e como o mesmo reflete na escola, bem como as consequências prejudiciais que esse convívio traz a elas. Quisemos conhecer através das experiências dos profissionais da educação, os sinais que podem diagnosticar que o aluno tenha um problema como esse em casa, e quais as implicações do relacionamento desses alunos com os outros colegas da escola e com os profissionais ali inseridos.

Outro ponto de pesquisa trouxe como tema o papel da direção escolar frente a essa problemática e quais os meios para tentativas de soluções, bem como as expectativas dos pais em relação à atitude da escola para auxiliá-los neste desafio. Por fim, abordamos a importância das palestras preventivas na escola e o conceito de drogas para o aluno.

As respostas foram narradas e descritas, algumas se apresentam a seguir:

(01) D1: [...] tem situações em que os pais agredem a criança, ou deixam sem comida, vem sem tomar banho... Temos alunos também com determinado tipo de deficiência, que depois de passado algum tempo a mãe ou o pai nos relata que foi usuário de droga no período em que concebeu a criança, então, isso também gera transtorno de aprendizagem.

Os filhos de viciados, via de regra, são anormais. E, isto porque, alterações gênicas trarão distúrbios constitucionais da criança, pela transmissão hereditária desse

estado ao filho intra-uterino. De mãe viciada poderá nascer uma criança viciada e com a probabilidade de ser psicótica (CARVALHO, 1982, p. 31).

(02) P3: Essa convivência interfere muito, pois esta criança é afetada psicologicamente e até mesmo fisicamente, pois normalmente estes pais dependentes químicos deixam de ter os cuidados devidos com esta criança, fazendo com que terceiros muitas vezes tenham que fazer o papel que lhes era devido.

(03) M2: As crianças crescem sem respeito, revoltadas e sem um exemplo a seguir, brigando por qualquer coisa e batendo uns nos outros. A convivência influencia muito, a criança já vai estressada para a escola. Já fui chamada na escola por motivos de brigas e mau comportamento do mais velho. Eles já vão preocupados para a escola.

(04) C2: Na escola às vezes não consigo fazer as coisas porque fico lembrando o que meu pai fez em casa.

(05) P5: O aluno não consegue na escola “esquecer” o seu cotidiano familiar e conseqüentemente apresentará dificuldades de concentração, atenção, memorização, socialização, etc.

Percebemos que são vários os efeitos causados por esse convívio conflituoso. Vemos que crianças, ao irem à escola, não conseguem se concentrar na aula, pois não esquecem o que vivenciam em casa, podendo surgir a partir daí um déficit de aprendizagem.

Acreditamos que essa situação não permite que a criança se envolva no clima escolar e nem interaja junto aos colegas. Ela se encontra confusa em seus pensamentos, pois não vive em casa o que a escola ensina, que são maneiras condizentes a um bom caráter e uma boa educação. Em casa, o ambiente que ela encontra lhe traz malefícios. A falta de cuidado dos pais para como ela também é relatada, o que nos permite constatar a negligência familiar, sendo que a família não possibilita à criança seus direitos de um desenvolvimento saudável e sem riscos.

(06) P1: O aluno não mostrava interesse nas aulas, muita indisciplina, e ausência de memória durante explicações. Caderno rasgado algumas folhas, quando questionado, o aluno dizia que o pai arrancava a folha para fumar maconha.

(07) P3: Já tive alunos que vivenciavam esta situação da dependência química. O comportamento sempre tinha altos e baixos conforme o momento que estavam passando. Em momentos muito particulares, principalmente nas aulas de educação física, quando as crianças estavam brincando, estes alunos aproximavam-se mais de mim e relatavam algumas situações. Os alunos às vezes apresentam agressividade, ficam meio ausentes durante as explicações, em determinados assuntos, falam sobre o que vivenciam em casa, como se estivessem pedindo ajuda.

Os filhos não são filhotes de passarinhos. Eles não aprendem a voar sozinhos. Devem ser conduzidos pela mão paterna, amiga e amorosa, pelo mundo, até a completa auto-suficiência econômica, intelectual, moral e espiritual. A paternidade responsável tem suas bases na amizade e no amor do pai para com seus filhos, e na possibilidade de serem criados em condições humanas. (CARVALHO, 1982, p. 14).

Vemos através de algumas respostas que as consequências mais relatadas que esse convívio traz a criança são a dificuldade de aprendizagem e a mudança no comportamento. Algumas não apresentam interesse em aprender por não possuírem condições psicológicas para isto, pois a mesma chega até a escola carregada de sentimentos adquiridos em um meio familiar cheio de conflitos causados pela dependência química, e por vezes, externam esses sentimentos em agressões com os colegas e professores, e por outras, os internalizam fazendo com que não consigam sequer ter o mínimo de desenvolvimento escolar.

Os professores através de suas experiências profissionais já traçaram um perfil de aluno que, mesmo com variações de atitudes, em um momento ou outro irão apresentar características agressivas ou se mostrarão introspectivas. Felizmente, vemos que estão cientes de que esse convívio, além de prejudicar em todos os sentidos de aprendizagem, pode levar a criança a uma dependência química e trazem a importância da ação pedagógica no entendimento do assunto e não exclusão da mesma.

É indispensável que as mensagens preservem o auto-respeito, tanto das crianças como dos pais e dos mestres; as frases de entendimento devem preceder as de conselho e instrução. É de boa pedagogia. Num momento de forte emoção, a criança deve ser mais compreendida do que repreendida, tanto como sentido de formação como de apaziguamento espiritual e burilamento do caráter (CARVALHO, 1982, p. 214).

(08) D2: Quando conversando com os responsáveis não houver avanços e os problemas continuam, acionamos o Conselho Tutelar. Observamos que quando há problemas de drogas, isso sempre influencia no desenvolvimento da criança.

Ao se depararem com essas situações, professores levam o caso até a direção que por sua vez busca meios de solução para o bom desenvolvimento do aluno. Contatam os responsáveis e através de diálogos, orientações, investigações e entendimentos sobre o assunto, procuram diversas formas de auxiliar e poderem amenizar o problema. Quando escassas as possibilidades de ajuda e tentativas e as mesmas não obtiverem nenhum ponto positivo, a equipe escolar é obrigada a acionar o Conselho Tutelar para que tomem as medidas cabíveis.

7 CONCLUSÃO

É possível que o ambiente em que a criança está inserida influencie em seu intelecto e até mesmo na sua vida afetiva, prejudicando-o por causa do uso de substâncias químicas por parte de seus familiares. O dever dos pais é de não envolvê-las de forma alguma nesse meio. Essa fase onde a criança se encontra, necessita uma estimulação maior da criança em que a mesma tem a necessidade de atenção física e emocional, fase essa também em que se forma o caráter, por isso se dá a fundamental importância da estimulação. Estudar, pesquisar como se desenvolve o caráter de uma criança e como ela percebe esses acontecimentos é de fundamental importância para descobrir os possíveis motivos de agressividade escolar e para que como educadores, saibamos diagnosticar alguns indícios desses problemas e tenhamos orientações para então orientarmos os envolvidos, sugerindo possíveis sugestões para a solução de problemas como estes.

As atitudes dos colegas diante de um aluno que tenha qualquer tipo de envolvimento com um dependente químico se diferenciam das dos demais, fazendo com que exista uma relação de preconceito, afetando momentos de lazer e amizades, abalando psicologicamente aquele colega que numa situação como essa precisa de apoio, carinho e compreensão tanto pelos colegas como pelos professores e demais funcionários de uma instituição escolar.

Ressaltamos a importância de, perante a isso, uma preparação do profissional da educação em que deverá estar ciente do quanto sua percepção e reação ao caso poderá ser positiva ou negativamente influenciável na vida de seu aluno, onde o mesmo poderá diariamente realizar orientações à seus alunos com práticas pedagógicas sobre a temática visando principalmente um desenvolvimento igualitário ao aluno vítima indireta das drogas sem tornar este motivo como uma possível negligência educacional e conseqüentemente um trauma para a vida escolar da criança.

IMPLICATIONS OF LIVING WITH THE CHEMICALLY DEPENDENT IN THE DAILY SCHOOL LIFE OF THE CHILD

ABSTRACT¹

This article addresses the impact on school performance experienced by students in primary education who live with chemically dependent parents. Based on the Vygotsky an concept that the environment influences child development, and through the means of a Case Study, we demonstrate that the child is an indirect victim of drug abuse. We were able to conclude that both the child's family and school relationships are affected and that the child becomes vulnerable to the effects of aggressiveness, negligence and, principally, easy access to drugs, due to living in a risky environment.

Keywords: Primary education. Chemical dependency. Child. Case Study. Vygotsky.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Ana Rita Silva. **A emoção na sala de aula**. Campinas: Papirus, 1999.

C2. **C2** (autor entrevistado): depoimento. [jun. 2014]. Entrevistadora: Any Gabrieli Mazzotty Filomeno. Sinop, MT, 2014. Questionário. Entrevista concedida para o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado Implicações da Convivência com Dependente Químico no Cotidiano Escolar de Uma Criança.

CARVALHO, Protássio de. **Do êxtase à Loucura: as drogas**. 2. ed. Curitiba: O Formigueiro, 1982.

D1. **D1**: depoimento [maio. 2014]. Entrevistadora: Any Gabrieli Mazzotty Filomeno. Sinop, MT, 2014. 829 MB. Entrevista concedida para o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado Implicações da Convivência com Dependente Químico no Cotidiano Escolar de Uma Criança.

D2. **D2** (autor entrevistado): depoimento. [jun. 2014]. Entrevistadora: Any Gabrieli Mazzotty Filomeno. Sinop, MT, 2014. Questionário. Entrevista concedida para o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado Implicações da Convivência com Dependente Químico no Cotidiano Escolar de Uma Criança.

DETONI, Márcia. **Guia prático sobre drogas: conhecimento, prevenção, tratamento**. 2. ed. São Paulo: Rideel, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz, 1987.

¹ Tradução realizada pela Marki Lyons (CRLE – Revista **Eventos Pedagógicos**).

M2. **M2** (autor entrevistado): depoimento. [jun. 2014]. Entrevistadora: Any Gabrieli Mazzotty Filomeno. Sinop, MT, 2014. Questionário. Entrevista concedida para o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado Implicações da Convivência com Dependente Químico no Cotidiano Escolar de Uma Criança.

P1. **P1** (autor entrevistado): depoimento. [maio. 2014]. Entrevistadora: Any Gabrieli Mazzotty Filomeno. Sinop, MT, 2014. Questionário. Entrevista concedida para o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado Implicações da Convivência com Dependente Químico no Cotidiano Escolar de Uma Criança.

P3. **P3** (autor entrevistado): depoimento. [maio. 2014]. Entrevistadora: Any Gabrieli Mazzotty Filomeno. Sinop, MT, 2014. Questionário. Entrevista concedida para o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado Implicações da Convivência com Dependente Químico no Cotidiano Escolar de Uma Criança.

P5. **P5** (autor entrevistado): depoimento. [maio. 2014]. Entrevistadora: Any Gabrieli Mazzotty Filomeno. Sinop, MT, 2014. Questionário. Entrevista concedida para o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado Implicações da Convivência com Dependente Químico no Cotidiano Escolar de Uma Criança.

VYGOTSKY, Lev Semenovicth. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.